

# **Mulheres uniformizadas: o estilo das voluntárias da Defesa Passiva Antiaérea na Segunda Guerra Mundial.**

Ivana Guilherme Simili\*

Universidade Estadual de Maringá-PR

## **Resumo**

Analiso um dos elementos que compuseram o estilo das voluntárias da defesa passiva antiaérea da Legião Brasileira de Assistência, que foi o uso dos uniformes, com o objetivo de identificar os significados de seu emprego na construção de comportamentos, atitudes que deviam orientar a atuação voluntária. Mostro que, com a utilização dos uniformes, pelas voluntárias, foi criado um dos estilos designativos da participação e contribuição da mulher na guerra, permitindo captar faces da educação e moda.

**Palavras-chave:** Segunda Guerra Mundial; Legião Brasileira de Assistência; voluntárias da defesa passiva antiaérea; uniformes; educação; moda.

## **Women in uniform: the style of the volunteers of the Antiaircraft Passive Defense in World War II**

### **Abstract:**

I analyze one of the elements that had composed the style of the volunteers of the antiaircraft passive defense of the Brazilian Legion of Assistance, the use of the uniforms, with the objective to identify the meanings of its job in the construction of behaviors, attitudes that had to guide the voluntary performance. I show that with the use of the uniforms, by the volunteers was created one of the indicative styles of the participation and contribution of the woman in the war, having allowed to catch faces of the education and fashion.

**Keywords:** World War II, Brazilian legion of Assistance, volunteers of the antiaircraft passive defense, uniforms, education, fashion.

Os anos 1939 a 1945, relativos ao período da Segunda Guerra Mundial, são tidos como marcantes na introdução de mudanças na moda. Sob a influência dos uniformes dos soldados, as

roupas teriam ganhado uma certa masculinização e, na moda feminina, duas peças passaram a compor o guarda-roupa das mulheres: as saias que ficam mais justas e o casaco. (BRAGA, 2004, p.79- 80).

O artigo refere-se à pesquisa que venho desenvolvendo, com o apoio do CNPQ, intitulada "Educação e Moda na Segunda Guerra Mundial: as voluntárias da Legião Brasileira de Assistência ( 1942-1945).

\*Doutora em História (UNESP-Assis-SP); professora da Universidade Estadual de Maringá-PR, do Departamento de Fundamentos da Educação (DFE).

Seguindo a tendência mundial, no Brasil, a moda modificou-se, tornando-se mais “comportada e séria”. As saias ficaram seis dedos abaixo do joelho, e não se usava mais a cintura baixa. Para o dia, os trajes oficiais eram o *tailleur* e os vestidos trespassados, com pregas ou *drapés*. Para trabalhar, a brasileira costumava vestir saia de cor sóbria e blusa de jérsei, com gravata do mesmo tecido da saia, acompanhados de carteira, chapéu de feltro e luvas de pelica. (MOUTINHO; VALENÇA, 2005, p.131).

Ao analisar as roupas de Guerra, James Laver (1989, p.252) comenta que elas demonstram a força dos reflexos da situação econômica e política vigentes, o que denomina a “atmosfera do momento”, na moda. Nesse sentido, torna-se nítido que, naqueles anos, a Guerra refletiu-se e produziu moda, sendo possível identificar nas roupas usadas pelas brasileiras - nas saias, nas blusas, nas gravatas e na versão *tailleur*, as influências dos uniformes dos soldados na composição do visual feminino, porque naquelas peças estão os sinais dos referenciais de gênero, ditando e criando a moda para as mulheres.

No entanto, as influências dos uniformes dos soldados na moda foram mais abrangentes, conforme evidencia a trajetória do corpo de voluntárias da Defesa Passiva-Antiaérea, da Legião Brasileira de Assistência. O surgimento e a atuação desse corpo de voluntariado na instituição foi marcado pelo uso do uniforme semelhante ao dos soldados, no cotidiano da prática voluntária na instituição e no espaço público do Rio de Janeiro. Surgem mulheres uniformizadas pelo uso comum dos uniformes e, nas peças que compunham a farda masculina, a saia substituíu a calça, masculina e designativa de gênero, configurando, assim, uniformes para mulheres, apropriados ao feminino e dele emblemático.

Portanto, o uniforme das voluntárias da defesa passiva antiaérea criou um estilo que compôs o campo da moda, designativo da participação e a atuação da mulher na guerra. Moda, aqui entendida na sua acepção original, conforme apresentada por Érica Palomino (2003) que parte de sua etimologia e de que seu significado diz respeito a “modo” e “maneira”, portanto a comportamentos, atitudes que acompanham o vestir<sup>1</sup>. Isto posto, meu objetivo, neste texto, será o de deslindar os significados embutidos na utilização dos uniformes pelas voluntárias da defesa passiva antiaérea, no sentido de mostrar os modos pelos quais o uniforme participou da construção de comportamentos e atitudes, criando, por conseguinte, uma das faces da moda de guerra, de maneira a informar a participação e contribuição feminina no conflito mundial.

### **A Legião Brasileira de Assistência e as voluntárias**

As voluntárias da Defesa Passiva Antiaérea surgem no cenário nacional como um dos corpos do voluntariado criados pela Legião Brasileira de Assistência. A Legião Brasileira de

---

<sup>1</sup> O conceito de moda que utilizo é o apresentado por Érica Palomino, segundo a qual, “moda” vem do latim “modus”, significando modo, maneira. Em inglês, moda é “fashion”, corruptela da palavra francesa façon, que também quer dizer modo, maneira. (PALOMINO, 2003,p.15).

Assistência foi criada por Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, logo após a declaração da participação do Brasil no conflito mundial, ocorrida em agosto de 1942<sup>2</sup>.

Criada em parceria com o Estado e com o empresariado, o objetivo fixado para a instituição foi o de amparar os soldados mobilizados e seus familiares, constituindo-se na primeira instituição pública de assistência social. Com sede na cidade do Rio de Janeiro e com filiais em várias cidades brasileiras, administradas pelas primeiras-damas, um dos traços institucionais mais marcantes foi o trabalho voluntário feminino, realizado por mulheres – jovens e senhoras, dos segmentos da elite e médios.

Os documentos existentes sobre a história da Legião Brasileira de Assistência e acerca da trajetória das voluntárias na instituição, na cidade do Rio de Janeiro, permitem afirmar que os anos 1942 a 1945, período da participação brasileira na Guerra, a forte presença e atuação feminina na instituição, como voluntárias, possibilitaram às mulheres, a escrita de um capítulo importante acerca da História das Mulheres na guerra. Os documentos escritos - jornais, revistas, boletins e relatórios produzidos pela instituição -, os imagéticos - as fotografias que circularam na imprensa e que compõem o acervo da memória institucional, veiculados nos boletins e localizados no Centro de Memória da Assistência Social, contém importantes vestígios do passado, com capítulos que permitem conhecer a História das Mulheres da LBA, portanto, das mulheres na guerra. Há um capítulo sobre o processo de mobilização feminina; sobre a preparação das mulheres para a atuação voluntária, por intermédio dos cursos oferecidos; sobre o desempenho feminino em atividades na esfera institucional e na vida pública.

---

<sup>2</sup> A apresentação da trajetória da Legião Brasileira e das voluntárias tem suporte no trabalho “Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945), no qual dedico um capítulo sobre o assunto. Abordo as características institucionais, o trabalho desenvolvido por Darcy Vargas e as voluntárias durante o período da Segunda Guerra Mundial.

Nesse sentido, para a mobilização das mulheres e constituição do voluntariado, as campanhas na imprensa foram fundamentais. A propaganda desencadeada produziu seus frutos porque milhares de mulheres inscreveram-se nos cursos oferecidos e, após frequentá-los, transformam-se em voluntárias da LBA. Surgem as voluntárias da defesa passiva-antiáerea, as voluntárias da alimentação, as visitadoras e educadoras sociais, as samaritanas socorridas, dentre outras.

Além das voluntárias formadas pela instituição, as mulheres também aderiram a outras espécies de trabalho voluntário. Surgem as legionárias da costura, responsáveis pela produção de materiais médico-hospitalares para serem usados no *front* de guerra e de roupas para serem doadas aos soldados; as madrinhas dos combatentes que se incumbem da escrita de cartas para os soldados no *front* e mulheres que se envolvem em diversos serviços, como por exemplo, a organização da biblioteca do combatente, angariando livros e levando leitura aos soldados aquartelados.

Nas atividades desempenhadas pelas mulheres da LBA, estão os modos pelos quais a Guerra produziu readequações nas concepções e nas representações de gênero, construindo estilos e perfis femininos designativos da participação e contribuição femininas na guerra.

“As representações não são universais nem mesmo fixas. São sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde esse corpo circula, vive, se expressa, se produz e é produzido” (GOELLNER, 2003, p.23) Nos modos de cada corpo de voluntárias se comportar, se apresentar e vestir-se estão os sinais das transformações produzidas pela Guerra nos corpos e representações das mulheres, produzindo estilos e perfis femininos. Um deles foi o das voluntárias da defesa passiva-antiáerea.

### **As voluntárias da defesa passiva-antiáerea: um percurso**

O surgimento do corpo de voluntárias da defesa passiva, nos quadros da Legião Brasileira de Assistência esteve relacionado à questão da segurança pública durante a participação brasileira no conflito mundial. Em fevereiro de 1942, com os primeiros ataques dos países do Eixo à costa brasileira, acentuam-se as preocupações governamentais com a questão da defesa interna do país e medidas de proteção à população são adotadas. Pelo Decreto-Lei 4098, de 06 de fevereiro de 1942, foi criado o Serviço de Defesa Passiva Antiaérea, como atribuição do Ministério da Aeronáutica. Em agosto de 1942, quando ocorre o ingresso do país na guerra, novo decreto transferiu para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores a responsabilidade pela organização do Serviço de Defesa Passiva Antiaérea no território nacional, em substituição ao Ministério da Aeronáutica. (CYTRYNOWICZ, 2000).

A constituição de um corpo feminino de voluntárias da Defesa Passiva surge, no Brasil, por intermédio da Legião Brasileira de Assistência, que oferece o primeiro curso direcionado às mulheres, porque antes, a defesa passiva era concebida como serviço e tinha como público alvo “todos os brasileiros maiores de 16 anos”<sup>3</sup>. Observam-se, na inclusão do curso no rol da LBA, as influências do modelo inglês de defesa passiva, o qual preconizava a transferência de inúmeras tarefas da defesa interna ao corpo feminino auxiliar. Como uma organização paramilitar, o chefe era o coronel do exército Orozimbo Martins Pereira, diretor do Serviço de Defesa Passiva. Seus instrutores foram civis e militares, sendo o diretor de ensino o Capitão Hugo de Matos Moura. O

---

<sup>3</sup> Segundo Cytrynowcz, o Decreto-Lei, de 06 de fevereiro de 1942 previa a mobilização de todos os brasileiros e estrangeiros maiores de 16 anos por um período de, no máximo, dez dias úteis do ano para as tarefas de proteção contra gases, remoção de pessoas intoxicadas; serviços de enfermagem, de vigilância do ar; de prevenção e de extinção de incêndios, de limpeza pública, de desinfecção, de policiamento e de fiscalização na execução das ordens; previa, ainda, a utilização desse pessoal na construção de trincheiras e de abrigos de emergência. Para a execução dessas tarefas era necessária a obediência no recebimento das instruções sobre o serviço e o uso de máscaras, o conhecimento da defesa individual, o recolhimento ao abrigo e obediência na interdição do ir e vir; sujeição às ordens prescritas para a dispersão, o atendimento ao alarme, o apagamento das luzes e o atendimento À proibição de acionar automóveis.(CYTRYNOWICZ, 2000)

primeiro batalhão feminino da Legião Brasileira de Assistência iniciou o curso preparatório em setembro de 1942 e terminou em dezembro, após três meses.

As voluntárias da Defesa Passiva surgem, portanto, no Brasil, nesse quadro de mobilização e preparação das mulheres para o enfrentamento dos problemas sociais de guerra, entenda-se por isso, aqueles relativos à segurança da população, durante o conflito mundial.

Os modos pelos quais a questão da segurança da população sofreu adaptações para permitir a participação e atuação feminina na guerra, pode ser dimensionada no discurso feito pelo coronel Orozimbo Martins Pereira, na solenidade de instalação do primeiro curso da defesa Passiva da Legião Brasileira, em setembro de 1942. Ao destacar a importância da missão das voluntárias inscritas para o curso, frisava que seriam árduos os trabalhos a que deviam se dedicar no “preparo das populações civis, além da guarda dos bens materiais, culturais e artísticos do país”. Ressaltava, ainda, que: “de quase nada valerá essa modalidade de defesa se não contar com a incondicional cooperação de elementos suficientemente instruídos e, além disso, imbuídos do mais profundo sentimento de abnegação, de disciplina, de altruísmo, de devotamento e de valor”. (Jornal Correio da Manhã, 27.09.1942, p.1).

De acordo com Denise Jodelet (2001, p. 8), as representações sociais podem ser definidas como uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Compõem-se, as representações sociais, de elementos informativos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc., que são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade.

No discurso do coronel Orozimbo, estão as representações que orientaram a formação e deviam guiar a atuação das voluntárias da defesa passiva antiaérea: elas se tornariam aptas a cuidar dos bens materiais e simbólicos do país enquanto o conflito durasse. Percebe-se,

claramente, nas palavras do Coronel Orozimbo, um projeto de educação feminina visando à preparação de mulheres, transferindo e associando atividades privadas para o público. O curso pretendia que os cuidados com os bens domésticos – família, filhos – fossem ampliados para a nação: proteger a população e seus bens transforma-se no fim almejado. Dedicção, abnegação, altruísmo, devotamento, sentimentos e comportamentos concebidos historicamente e culturalmente pelos homens, como “naturais” ao feminino, associados aos de disciplina, transformam-se em conceitos orientadores da formação das mulheres, com o objetivo de transformá-las em úteis à nação. O ideal feminino a ser criado pelo curso, era o de ser a guardiã dos filhos e dos bens da nação, portanto, transformar as mulheres em grandes “mães da nação”.

Na transformação das mulheres, visando dotá-las dos requisitos necessários à prática e atuação voluntária, o documento existente no arquivo Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, no período de 1934 a 1945, portanto, durante a Guerra, permite conhecer os pressupostos educativos e pedagógicos que orientaram a formação das mulheres. Identificado com o título “Legião Brasileira de Assistência – Curso de Defesa Passiva A. Aé”, datado de 10 de setembro de 1942 e assinado pelo Capitão Hugo de Mattos Moura, o documento está dividido em duas partes: a primeira é composta pelo curso de “Primeiros Socorros”, com duração mínima de 10 horas; a segunda era relativa ao curso de “Defesa passiva A. Aé”, assim organizado: 1) A arma aérea, suas características e possibilidades. As cidades como objetivo da arma aérea. Os meios da defesa anti-aérea; ativos e passivos; 2.) O problema da defesa passiva a.aé. de uma localidade. Estudo das medidas de defesa passiva – preventivas e defensivas pelo Esquema I (Anexo), com duração de 1 hora; 3) Estudo detalhado dos meios de ataque da arma aérea: Descrição, funcionamento, efeitos e proteção contra as bombas explosivas: de destruição (demolição), de fragmentação ou contra o pessoal, com duração de 2 horas; 4) Proteção contra as bombas explosivas: abrigos a.aé., abrigos de adaptação e refúgios a domicílio, trincheiras a.aé.

(Estudo em sala e demonstração prática sobre a proteção razoável), com duração de 3 horas; 5) Estudo detalhado das bombas incendiárias. Descrição, funcionamento, efeitos. Ação contra as bombas incendiárias: técnica de água espingada, técnica de areias. Serviço doméstico contra incêndios – Precauções (Estudo) em sala e demonstrações sobre a “térmita”, com duração de 3 horas; 6) Estudo sintético dos agressivos químicos: características, ação sobre o organismo e cuidados. Proteção individual e coletiva, com duração 2 horas; 7) Montagem do S.D.P. aé. No território nacional; Estudo das “Instruções” baixadas aos Estados para pôr em funcionamento o aludido serviço. Os 9 Serviços Públicos que integram o S.D.P. Aé. no Brasil, estudo geral, com duração de 2 horas<sup>4</sup>.

Acompanham o programa do curso quatro observações, as quais são: 1) O corpo de Voluntárias, será dividido em turmas para a “instrução à pé”, necessárias às formaturas e paradas – duração de 1 ou 2 horas por semana; 2) Ficam dispensadas de acompanhar a I Parte do Curso de defesa Passiva A. Aé, as voluntárias que provarem ter acompanhado com aproveitamento “Cursos de Primeiros Socorros” ou “Socorros de Urgência”, com um mínimo de 30 horas de efetiva instrução; 3) Terminado o Curso de Defesa Passiva A. Aé, as voluntárias receberão um certificado, e só então poderão usar a ‘Insígnia, da especialidade; 4) Findo o Curso, a especialidade será atribuída à Voluntária, conforme seus pendores, aptidão demonstrada, conforme o critério do Diretor do Curso e as necessidades do Serviço de Recrutamento para reforçar os Serviços Públicos do S.D.P.A. Aé, da localidade.

Portanto, na formação voluntária, previa-se a transmissão de conhecimentos sobre artefatos e problemas relacionados as armas e bombardeios, para a ação de neutralização dos efeitos sobre a cidade e a população: previa, também, a preparação técnica das voluntárias para atuar nos primeiros socorros. Somente depois de diplomadas, as voluntárias receberiam a

---

<sup>4</sup> Arquivo Gustavo Capanema CPDOC-FGV (Caixa: GC.A2.09.10. A)

“insígnia” e, em consonância às aptidões demonstradas durante o curso, seriam alocadas para os serviços de defesa pública. Conhecimentos e práticas, estranhos e novos ao universo feminino, porque relacionados às práticas militares.

Os documentos existentes sobre a trajetória das voluntárias da Legião Brasileira de Assistência – jornais, boletins, fotografias dentre outros, possibilitam um mapa da atuação voluntária no âmbito institucional. Eles evidenciam que, em nome da prestação de serviços à população com vistas a protegê-la dos perigos da Guerra, objetivo para o qual foram preparadas, as voluntárias tiveram atuação ativa em vários setores da atividade assistencial da LBA. Elas participaram das campanhas da Legião Brasileira de Assistência, tais como a da “borracha usada”, fazendo a coleta de materiais nas ruas da cidade; das Hortas da Vitória, que visava transmitir conhecimentos sobre práticas de cultivo de alimentos – hortaliças, verduras e legumes, para as crianças nas escolas; elas foram transformadas nas intermediárias entre a instituição e os soldados, fazendo a entrega dos objetos doados e produzidos pela LBA, como por exemplo, cigarros, roupas, fósforos aos soldados nos quartéis onde estavam aguardando a partida para o front de guerra. Elas também foram protagonistas do trabalho de patrulhamento das ruas durante os *black-outs*, que movimentaram a vida noturna na capital carioca. Enquanto durava o *black-out* as voluntárias circulavam pelas ruas, pedindo aos moradores o apagamento das luzes das casas e vistoriavam os espaços para garantir o sucesso da prática.

Nas imagens fotográficas da atuação voluntária, sobressai um aspecto: o uso dos uniformes.

### **Defesa passiva: moda e estilo femininos**

São os investimentos de valores (trajes e acessórios) que o sujeito passa a vestir, que o configuram em um sujeito transformado, dando-lhe outra aparência capaz de, com seus novos efeitos de sentido, qualificá-lo, particularizá-lo, distinguí-lo entre os demais pelas escolhas expostas, vestidas em seu próprio corpo (CASTILHO, 2003, p.70).

Uma das marcas registradas das voluntárias da defesa passiva antiaérea, por intermédio da qual as mulheres indicavam a transformação e a incorporação de novos valores aos seus universos e que veio a distinguí-las dos outros corpos de voluntárias da Legião Brasileira de Assistência, com um estilo particular, com determinados modos de agir, comportar-se e vestir-se, foi o uso de uniformes, conforme mostra essa fotografia:



A fotografia circulou no Boletim da Legião Brasileira de Assistência, do ano de 1951, o qual foi organizado sob a forma de memória da instituição. Dadas as características do tema do periódico, nele estão destacados os principais momentos e obras institucionais e um dos tópicos mencionados é a atuação do corpo de voluntárias da defesa passiva. A legenda que acompanha a fotografia é “Uma corporação da Defesa Passiva com seu instrutor”.

Esta fotografia é uma dentre as muitas que circularam pela imprensa, mas a seleção dela deve-se ao fato de que ela informa uma relação: das voluntárias com os instrutores, perceptível pelas presenças e roupas femininas e masculina.

“Ao contrário da maioria da roupa civil, o uniforme é, com frequência, consciente e deliberadamente simbólico. Identifica aquele que o veste como membro de algum grupo e muitas vezes o situa em uma hierarquia [...]” (LURIE, 1997, p.33). A imagem e a legenda são significativas do ponto de vista do simbolismo vislumbrado pelo uso comum dos personagens de uniformes, denotando, por seu intermédio, o pertencimento dos personagens ao mesmo grupo com indícios da relação hierárquica estabelecida entre uns e outros - os instrutores e as voluntárias, a qual viria a marcar a trajetória do corpo da defesa passiva antiaérea: eles, os homens, respondiam pelos ensinamentos, eram a eles que deviam respeitar e era deles a orientação que devia ser seguida por elas no trabalho institucional.

Os uniformes dizem respeito a controle do eu social, mas também do eu interno e sua formação. Há vários sentidos no seu uso, tais como o de “compreender e obedecer as regras relativas ao exercício do uniforme, transformando as peças de roupa em manifestações comunicativas”. (CRAIK,2003,p.6). Com os uniformes, as voluntárias comunicam a internalização dos comportamentos, das atitudes e dos valores que deviam orientar seu uso, porque conforme Craik (2003,p.6), “uniformes são indicadores extremamente eficazes da codificação de regras apropriadas de conduta e sua internalização”. Portanto, ao se mostrarem com os uniformes, as voluntárias mostram-se como mulheres uniformizadas nas regras e condutas que deviam orientar suas atuações voluntárias na proteção da população, como mães protetoras da nação- população e seus bens.

É ainda Craik (2003,p.17) quem identifica dois tipos de uniformes para mulheres: uniformes quase masculinos associados à incorporação de disciplina, confiança, habilidades características para atuar na esfera pública; e uniformes feminilizados, que promovem treinamento físico e emocional em atributos de educação e assistência.

O uniforme das voluntárias torna-se exemplar no sentido de mostrar a imbricação dos tipos delineados pela autora. Nele, está inscrito o travestir da roupa masculina para a feminina, porque há a substituição de um símbolo da masculinidade da farda, que é a calça, pela saia conformando-lhe características “quase masculinas”, com a incorporação da disciplina, confiança habilidades que eram necessárias às voluntárias para atuarem na esfera pública, na proteção da população e seus bens, conforme exposto pelo Coronel Orozimbo, por ocasião da apresentação do curso, o qual afirmava que o curso pretendia formar as mulheres disciplinadas para bem desempenharem suas funções.

Essa “quase masculinização feminina” que compôs o estilo das voluntárias, vislumbrada pelo uso de uniformes, faz sentido quando se considera o projeto do curso para a formação das voluntárias, existente no arquivo Gustavo Capanema, no CPDOC- FGV, o qual afirma: “As voluntárias pertencentes ao ‘Corpo de Voluntárias’, durante o Curso de Defesa Passiva A. A.é. serão sujeitas a um regimen da mais estrita disciplina, sendo eliminadas do “Corpo de Voluntárias” sumariamente quando, a critério da Direção, revelarem falta de requisitos morais, indisciplina, derrotismo, negligência no curso”.(grifo no texto original).

Mulheres disciplinadas, é para isso que o documento aponta, excluindo-se aquelas que, durante o curso, apresentassem atitudes disciplinares, morais e emocionais não compatíveis e condizentes com o estilo e perfil traçados para as voluntárias que, lembrando mais uma vez o Coronel Orozimbo, deviam ser mulheres altruístas, obedientes, abnegadas , devotadas.

Nesse ponto, há, também, no emprego dos uniformes pelas voluntárias, traços da “feminização”, o segundo tipo de uniforme definido por Craik, cujo emprego pressupõe o treinamento físico e emocional para fins educacionais e assistencial. O objetivo de suas formações era a de educá-las para que as habilidades consideradas “naturais”, de altruísmo, obediência e abnegação fossem alargadas para a população, na prestação de assistência à população na guerra. O conteúdo educativo e assistencial orientou, portanto, o treinamento físico e emocional, disciplinando, por intermédio dos uniformes, os corpos e as representações, feminizando os comportamentos e condutas das mulheres na guerra.

Fica nítido, pelas voluntárias da defesa passiva antiaérea com seus uniformes, a criação de um estilo feminino que emerge entre as mulheres, no Brasil, entre os anos de guerra, composto por modos de pensar, comportar-se, agir e vestir.

As faces contidas nos uniformes das voluntárias, de “masculinização e feminização” dos comportamentos, atitudes que passaram a comandar a atuação das mulheres na guerra, permitem equacionar questões importantes, as quais dizem respeito à educação feminina que se processa no interior do clima de intenso patriotismo, quando as ideologias de guerra de povo unido diante do inimigo comum, da união de esforços entre homens e mulheres encontravam, ressonância entre os gêneros, criando concepções, representações acerca de seus papéis e performances.

No uniforme, como símbolo da educação feminina na guerra, inscrevem-se as influências dos conceitos pedagógicos defendidos pelas Forças Armadas, desde os anos 30 e que ganham força a partir de 1937 com o Estado Novo, de militarização da educação, mediante a inculcação da disciplina, da obediência, organização, respeito à ordem e às instituições, respeito à hierarquia e amor à pátria (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p.84-90). Concepções caras à ideologia de guerra, compondo o universo das representações educativas dos gêneros, na transformação de homens e mulheres em soldados da pátria.

É, também, visível, no uniforme os modos pelos quais as concepções educativas defendidas nos anos 30 e 40 para as mulheres, se inscreveram nos corpos e representações das mulheres. Nesse sentido, vale lembrar que a educação das mulheres diferenciava-se daquelas destinadas aos homens, preconizando a valorização das virtudes concebidas como próprias ao feminino, como a dedicação, altruísmo, obediência, a preparação para o desempenho de funções de esposa, mãe, filha e irmã, de educadora do lar e na escola, o desenvolvimento de suas qualidades e habilidades consideradas femininas, por intermédio de suas participação em obras sociais e de caridade, cooperando, com suas atitudes e comportamentos, na construção harmônica da pátria.(SCHWARTZMAN;BOMENY; COSTA, 2000, p.125).

As voluntárias da defesa passiva antiaérea, com seus uniformes e suas condutas uniformizadas são, portanto, emblemáticas do que podemos chamar de estilo feminino na guerra, trazendo as marcas das concepções e ações pedagógicas presentes no universo no qual foram preparadas, marcando e guiando suas atuações, por conseguinte sua trajetória como corpo do voluntariado.

#### **Referências:**

BRAGA, João. História da moda: uma narrativa. 4 ed. SP: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CASTILHO, Kátia. Do corpo à moda: exercícios de uma prática estética. IN: CASTILHO, Kátia; GALVÃO, Diana. **A moda do corpo, o corpo da moda**. São Paulo: Editora Esfera, 2002, p. 59-72.

CRAIK, Jennifer. A política cultural do uniforme. **Fashion Theory**, v.2,n.2, p.5-26, jun.2003.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem Guerra** – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Edusp, 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana. (orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na educação. RJ:Vozes, 2003, p.28-40.

JODELET, Denise (org.) **As representações sociais**. Trad. Líliam Ulup. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

LAVÉ, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. SP: Cia das Letras, 1989.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MOUTINHO, Maria Rita; VALENÇA, Máslova Teixeira. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

PALOMINO, Érica. **A moda**. São Paulo: Publifolha, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro (Orgs.) **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SIMILI, Ivana Guilherme. **Mulher e política: a trajetória da primeira-dama Darcy Vargas (1930-1945)**. Tese de doutorado. Unesp, Assis, 2004.

